

“Se vossa majestade pretende a China, tem que primeiro conquistar as ilhas”: Da expansão ibérica e as relações transpácificas no século XVI

Bruno Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Xinguara, Pará, Brasil

Recebido em: 26 maio 2025

Aprovado em: 17 set. 2025

Publicado em: 30 abr. 2026

Resumo


Este artigo objetiva analisar a Expansão Ibérica, em direção ao Oriente, por meio do Oceano Pacífico nas décadas finais do século XVI. A documentação explorada foi consultada junto ao Archivo General de Indias (AGI) e sua tipologia é composta por relatos de viagens, crônicas e cartas que envolvem territórios como os das Filipinas, do México e da Espanha, cuja monarquia buscava consolidar seu poder nessas regiões e, sobretudo, tecer relações com a China. O referencial teórico-metodológico mobilizado dialoga com a perspectiva das Histórias Conectadas. Do ponto de vista empírico, o objeto de estudo atenta aos vestígios relativos a diferentes situações nas quais se encontram personagens não europeus que foram extremamente decisivos em tais processos, distante, portanto, dos chamados grandes homens já tão destacados por uma historiografia mais tradicional. Entre os principais resultados, cabe salientar que a pesquisa aponta o fato segundo o qual a coroa espanhola precisou contemporizar para manter a estrutura imperial naqueles espaços. Assim, esta reflexão oferece indícios para matizar certa *ilusão retrospectiva* que, quase sempre, leva-nos a pensar as conquistas europeias como inexoráveis.

Palavras-chave: Expansão Ibérica. Novo Mundo. Oceano Pacífico. Oriente.

Este trabalho foi produzido no âmbito do Edital Universal n.º 18/2021, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Além da Chamada Pública MCTI CNPq n. 16 – 2024, Bolsa de Pós-Doutorado no Exterior.

Agradeço aos colegas do Archivo General de Indias, especialmente a Gloria Torres, por todo auxílio concedido durante minha passagem por aquela instituição entre outubro e dezembro de 2024.

* Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, *Campus* Xinguara, Faculdade de História. Doutor, Mestre e graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: slvbruno2004@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1203-0082>

 <http://lattes.cnpq.br/9997589787513977>

“If Your Majesty wants China, you must first conquer the islands”: From Iberian expansion and transpacific relations in the 16th century

Bruno Silva

Federal University of the South and Southeast of Pará
Xinguara, Pará, Brazil

Received: 26th May 2025

Approved: 17th Sept. 2025

Published: 30th Apr. 2026

Abstract

This article aims to analyse the Iberian expansion towards the East across the Pacific Ocean in the final decades of the 16th century. The documentation explored was consulted at the Archivo General de Indias (AGI) and consists of travel reports, chronicles, and letters involving territories such as the Philippines, Mexico, and Spain, whose monarchy sought to consolidate its power in these regions and, above all, to forge relations with China. The theoretical and methodological framework employed is in line with the perspective of Connected Histories. From an empirical point of view, the object of study focuses on traces relating to different situations involving non-European figures who were extremely decisive in these processes, thus distancing itself from the so-called great men already highlighted by more traditional historiography. Among the main results, it is worth noting that the research points to the fact that the Spanish crown had to compromise to maintain the imperial structure in those spaces. Thus, this reflection offers clues to nuance a certain retrospective illusion that almost always leads us to think of European conquests as inexorable.

Keywords: Iberian Expansion. New World. Pacific Ocean. Orient.

* Adjunct Professor at the Federal University of Southern and Southeastern Pará, Xinguara Campus, Faculty of History. PhD, MA and BA in History from the Fluminense Federal University. E-mail: slvbruno2004@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1203-0082>

 <http://lattes.cnpq.br/9997589787513977>

Introdução

A chegada dos espanhóis ao Oriente, via Oceano Pacífico, não foi uma tarefa fácil. A busca de um caminho que não rivalizasse com aquele percorrido pelos portugueses através da costa da África, tornou-se algo de suma importância para a Monarquia Católica. A empreitada colocada em prática por Cristóvão Colombo (1451-1506) rumo ao Oeste corresponde à prova dessa tentativa dos reis católicos de alcançar a Ásia e ter acesso a todo tipo de riqueza que pudessem angariar. Desde o período medieval, principalmente do século XIII em diante, que notícias a respeito do grande reino da China povoavam o imaginário dos europeus. Também era de conhecimento que a região oriental estava banhada por um grande mar oceano, desembocadura de rios caudalosos responsáveis por escoarem muitas riquezas a diversos rincões do planeta.

O acesso ao dito mar oceano, a partir do continente americano, só foi possível com a ajuda concedida pelos nativos aos espanhóis que se embrenharam pelas terras do Novo Mundo e, quando isso aconteceu, Colombo – que passara a vida toda pensando ter chegado ao Oriente –, já havia deixado o universo dos vivos. Assim, Vasco Núñez de Balboa (1475-1519), em 1513, teria sido o primeiro europeu a ter contato com o grande oceano que, bem mais tarde, receberia o nome de Pacífico. Todavia, ainda foi preciso esperar por mais alguns anos até que uma expedição enviada da Espanha pudesse buscar uma passagem que ligasse o Atlântico com o novo mar partindo da América.

Por sua vez, a viagem de Fernão de Magalhães (1480-1521), ocorrida entre 1519 e 1521, igualmente conhecida como aquela que, pela primeira vez, navegou em torno do globo terrestre, abriu as portas de acesso ao Oriente para os reis de Espanha, muito embora nos anos que se seguiram à jornada de Magalhães, as empreitadas tenham sido muito mais desfavoráveis do que benéficas para os espanhóis. Afinal de contas, conectar a península ibérica às bandas orientais do planeta e, principalmente às ilhas das especiarias, por meio do continente americano, só seria possível caso fosse encontrada uma rota de volta ao Novo Mundo através do grande oceano. E isso era necessário, uma vez que retornar à Europa através da Ásia, via costa africana, acarretaria escaramuças com os portugueses que, há tempos, encontravam-se estabelecidos naquelas paragens.

O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre Espanha e Portugal, dificultava sobremaneira a expansão da primeira que, definitivamente, deveria buscar outras formas de acesso ao Oriente e às riquezas daquele espaço. Mas, se a expedição de Magalhães não logrou encontrar o caminho de volta à América via Pacífico, tendo inclusive seu comandante perdido a vida em terras do Poente, as tentativas subsequentes empreendidas por Castela tampouco renderam frutos. No entanto, mesmo assim, a expedição de Magalhães ofereceu muitas informações a respeito dessas andanças dos chamados conquistadores espanhóis pelo território das ilhas do mar do Sul.

A empreitada partiu de Sanlúcar de Barrameda, hoje município da província de Cádiz, em setembro de 1519. Tratava-se de um grupo considerável, cinco navios e cerca de duzentos

e sessenta pessoas. Elas atravessaram o dito estreito que, na sequência, recebeu o nome, como querem muitos historiadores, do seu descobridor. As ilhas que, bem mais tarde, seriam chamadas de Filipinas foram alcançadas, portanto, em 1521, entre março e abril daquele ano, no mesmo momento no qual os espanhóis buscavam uma conquista nada fácil em terras mexicanas.

Magalhães desbravou espaços como Samar, Cebu e Vissaias. Estando na primeira ilha, logo soube das rivalidades entre as principais chefaturas do arquipélago. As pesquisas de Paulina Machuca apontam que havia uma grande inimizade entre Raja Humabon – governante das Vissaias, que se aliou aos espanhóis, sendo batizado com toda sua família e recebendo o nome católico de Carlos, em homenagem ao rei de Espanha – e Lapu Lapu, chefe da pequena ilha de Mactán e que recusava a se submeter ao primeiro. O comandante da expedição espanhola decidiu entrar na peleia, mesmo sendo alertado pelos seus soldados de que não era prudente. O resultado foi a morte de Magalhães e mais onze homens. Terminada a batalha, Humabon desfez a aliança com os europeus ali presentes e os expulsou da ilha (Machuca, 2019). Isso demonstra que

Como em outras áreas de expansão imperial, nas Índias havia todo tipo de mal-entendidos sobre o significado da aliança com o Rei Católico, o que certamente foi agravado pela visão das autoridades vice reinais de que os territórios não dominados já pertenciam de iure e de seus habitantes como súditos indisciplinados. Pelo contrário, se adotarmos a perspectiva de atores externos à monarquia, parece claro que sua cooperação com os homens do Rei Católico não implicava necessariamente uma decisão estratégica e definitiva, mesmo que fosse acompanhada de atos irrevogáveis aos olhos de seus aliados ibéricos, como prestar juramentos de fidelidade ou receber o batismo. Tais ações poderiam ser entendidas como meros acordos oportunistas de valor limitado ou sem qualquer conteúdo real. A reversibilidade do pacto poderia ser acelerada por maus-tratos por parte dos homens do Rei ou por uma simples mudança de circunstâncias (Ibáñez, 2023, p. 32).¹

1 Tradução nossa. No original: *"Al igual que em otros ámbitos de expansión imperial, en las Indias hubo todo tipo de malentendidos sobre el significado de la alianza con el Rey Católico, lo que seguramente se vio agravado por la visión que las autoridades virreinales tenían de los territorios no dominados como ya pertenecientes de iure y de sus habitantes como súbditos díscolos. Por el contrario, si se adopta el punto de vista de los actores exteriores a la monarquía, parece claro que su cooperación con los hombres del Rey Católico no tenía por qué suponer una decisión estratégica y definitiva, aunque viniera acompañada de actos irrevocables a ojos de sus aliados ibéricos, tales como realizar juramentos de fidelidad o recibir el bautismo. Tales acciones podían ser entendidas como meros acuerdos oportunistas con un valor limitado en el tiempo o sin un contenido efectivo. La reversibilidad del pacto podía acelerarse ante los malos tratamientos de parte de los hombres del Rey o por el simple cambio de coyuntura"*.

Assim, embora saudado como um grande herói, a referida trajetória de Magalhães indica que a vitória da Europa não estava selada por antecipação. Portanto, há que se matizar a ideia de conquista de maneira singular. Os demais membros da expedição, sob a batuta de Juan Sebastián Elcano (1487-1526), chegaram às Molucas e, com a ajuda providencial portuguesa, retornaram à Espanha pela costa da África. Evidentemente que o nome de Magalhães ficou registrado como o expressivo condutor da façanha, principalmente pela viagem ter feito a circum-navegação. Teria sido menos falada se retornasse à América diretamente. Hoje, contudo, as interpretações historiográficas "consideram a viagem iniciada sob o comando de Magalhães e concluída por Juan Sebastián Elcano o momento de instauração da Modernidade, vinculada aqui à superação do antigo, seu saber e autoridade, e responsável pela 'passagem-mundo' capaz de forjar" (Doré, 2021, p. 97) uma "consciência de globalidade" (Chartier, 2001).

Com efeito, o presente artigo busca analisar a expansão da monarquia espanhola para a Ásia, ocorrida através do então chamado mar do Sul, mais tarde conhecido como Oceano Pacífico, entre as décadas finais do século XVI. A pesquisa parte da análise de fontes de época, documentação composta por relatos de viagens, crônicas e cartas trocadas entre três partes do mundo: as Filipinas, o México e a Espanha, tendo como hipótese geral o argumento de que a conquista das ilhas do Poente, empreendida através das rotas transpacíficas, não deve ser compreendida pela ótica dos grandes homens e seus feitos, como tradicionalmente ocorre na historiografia. Ao contrário disso, carece de ser analisada como uma ação marcada por negociações com os poderios locais e um conjunto de imprevistos. Tal investigação, no entanto, não poderá se aprofundar quanto à natureza das diferentes tipologias documentais, uma vez que, dado os limites do estudo ora proposto, esta pesquisa se debruçará mais detidamente sobre a sua condição informativa a respeito de passados alternativos.

Daí porque se examina, aqui, situações nas quais se encontram diferentes personagens não europeus extremamente decisivos para enfraquecer ou solidificar o poder da Espanha no Oriente que, ao longo de décadas, precisou contemporizar para manter a estrutura imperial naquele espaço. Assim, esta pesquisa reflete sobre a importância da China nos quadros da presença espanhola nas Filipinas e o quanto as relações se davam entre os diferentes governantes da região, de acordo com os interesses comerciais e políticos da principal potência mundial naquele momento: o Império Celestial. Finalmente, este texto oferece vestígios que nos ajudam a matizar certa "ilusão retrospectiva" que, quase sempre, ainda nos leva a pensar a expansão europeia e as conquistas como algo inexorável e feito por grandes homens do Velho Continente.

A caminho do Oriente

Nos anos posteriores à primeira empreitada espanhola, através do Oceano Pacífico, o grande desafio foi encontrar uma rota de navegação que fizesse com que os ibéricos

retornassem ao continente americano, o quase inalcançável *Tornaviaje*. A viagem inicial, assim como a que veio na sequência, destarte comandada por García Jofre de Loaisa (1490-1526), só podem ser compreendidas se analisarmos os interesses dos nada desprezíveis banqueiros alemães de Augsburg que, financiadores da eleição de Carlos V (1500-1558), nascido com a virada do século e carregando em sua cabeça coroas relativamente pesadas, foram fundamentais no jogo político e econômico da Espanha naquele momento (De Miguel, 2008).

Loaisa partiu no ano de 1525 com a expedição que, antecipadamente, concedia o título de governador das Molucas ao seu comandante. Se o imperador mandou seguir em direção ao Cabo da Boa Esperança, Elcano – remanescente da primeira empreitada – convenceu Loaisa a cruzar o Atlântico e passar pelo estreito de Magalhães. A busca pela *fama* (Malkiel, 1952) fez mudar os planos. O desastre foi retumbante. Os espanhóis, mais uma vez, não acessaram o Oriente conforme esperado. Três quartos da tripulação feneceram, incluindo os comandantes da expedição (De Miguel, 2008). Malgrado toda a exaltação que Antônio de Morga y Sánchez (1559-1636) faz das conquistas espanholas pelo mundo, em livro publicado no México em 1609, ele não pode esconder que a empreitada de Loaisa foi um ressonante fracasso por conta da falta de estrutura da armada e dos empecilhos colocados pelos portugueses (Morga, 1890).

Parte dos sobreviventes conseguiu chegar à Mindanao e, finalmente, às Molucas que, àquela altura, já contava com a presença lusa. Estes se aliaram ao sultanato mais importante da região que era o de Ternate (Azúa, 2009). Os espanhóis, por fim, estabeleceram-se em Tidore, governada por sultão rival de Ternate. As configurações filipinas demonstram que

O período que vai de meados do século XV até meados do século XVI representou um interlúdio decisivo na evolução do arquipélago filipino. Nesse intervalo de anos, árabes e malaios islamizados, bem como portugueses e espanhóis católicos, buscaram o controle das antigas chefias locais com os resultados que hoje conhecemos, mas naquela época nada estava definido para ninguém. Os sultanatos de Sulu e Maguindanao passaram por uma fase de expansão no século XVI, ao mesmo tempo em que os portugueses, após a tomada de Malaca em 1511, tentavam penetrar gradualmente nas ilhas Filipinas, que reivindicavam como parte de sua jurisdição (Machuca, 2019, p. 61).²

2 Tradução nossa. No original: "*El periodo que va desde mediados del siglo XV hasta mediados del XVI representó un interludio decisivo en el devenir del archipiélago filipino. En ese arco de años, árabes y malayos islamizados, así como portugueses y españoles católicos, buscaron el control de las antiguas jefaturas locales con los resultados que ahora conocemos, pero en ese entonces nada estaba definido para nadie. Los sultanatos de Sulu y Maguindanao tuvieron una etapa de expansión en el siglo XVI, al tiempo que los portugueses, después de la toma de Malaca en 1511, intentaron adentrarse paulatinamente en las islas Filipinas, las cuales reclamaban como parte de su jurisdicción*".

Os ibéricos, anos à fio, estiverem entre essas ilhas, vivendo isolados do resto do mundo e cuja miscigenação foi tingindo o espaço com outras cores. Espanhóis e portugueses, apesar de alguns embates, souberam viver relativamente bem no arquipélago (Gil, 2009). Do ponto de vista das misturas de corpos, há que se pensar que só podemos compreender a miscigenação na qual nos encontramos inseridos hoje se mudarmos a escala e a época focalizando os tempos ibéricos, conforme aponta Serge Gruzinski, segundo o qual "foi a partir do século XVI que os povos da Europa, da África, da América e da Ásia se encontraram, se confrontaram e se misturaram. E com eles, e muitas vezes apesar deles, também as coisas, as ideias, as crenças e os sonhos que possuíam, consciente ou inconscientemente" (Gruzinski, 2024, p. 186).

Urdaneta conhecia como ninguém aquela área das ilhas do Poente. Seus escritos relatam detalhes geográficos, econômicos, políticos e culturais das Molucas. Também estabeleceu boas relações com os mandatários locais. Sua experiência seria imprescindível para sua participação em uma nova expedição com vistas a encontrar o caminho de volta para o Novo Mundo. A América, então, passava a ser vista como porto seguro para a conquista do Oriente (Gil, 2009).

A América como protagonista da expansão ao Oriente

Partindo da Europa foram somente as viagens de Magalhães e Loaisa. O vice-reinado da Nova Espanha tomava a dianteira das novas incursões transpacíficas. Da tragédia da última expedição sobrou uma embarcação que, extraviada da empreitada quando da passagem pelo estreito no sul do continente americano, navegou pela costa do Pacífico e alcançou o México.

Hernán Cortés (1485-1547) tomou conhecimento da aventura de Loaisa e, ao receber um mandado real com vistas a organizar uma expedição ao Oriente, entregou a missão nas mãos de Álvaro Saavedra Cerón (?-1529), que era seu primo pelo que consta. Em outubro de 1527 a viagem rumo à Ásia se dava Pacífico adentro. Atracou em Tidore, encontrando muitos dos sobreviventes da trágica expedição anterior. Lamentavelmente, o navegador não conseguiu encontrar o caminho marítimo seguro para retornar à Nova Espanha. A situação desses exploradores era de profunda imprevisibilidade. Isso porque, não bastasse a falha em relação ao objetivo que desejava, Saavedra ainda teve o mesmo destino dos colegas por ele encontrados: ficou preso nas Molucas por anos.

Àquela altura, com o Tratado de Tordesilhas (1494) sendo cobrado pelos dois reinos ibéricos, ficava cada vez mais complicado retornar à Espanha pela costa da África ou pelo chamado Caminho das Índias. Falava-se, inclusive, em pena de excomunhão para os espanhóis que ousassem adentrar águas tidas como portuguesas (Azúa, 2009). A ambição cortesina de que aquilo que se passara no México poderia se repetir na Ásia foi mitigada e as investidas reais também deram uma pausa em relação às andanças pelo Mar da China (Gruzinski, 2012). Em 1529, com a assinatura do Tratado de Saragoça entre Espanha e Portugal, as pretensões

espanholas foram freadas em relação ao avanço pelas ilhas das especiarias e precisaram se circunscreverem às Filipinas.

Em 1542, com Cortés praticamente fora do jogo e já a alguns passos de deixar a terra dos vivos, ficou a cargo do primeiro vice-rei da Nova Espanha, Antônio Hurtado de Mendoza (1495-1552) a missão rumo ao Poente. A empreitada foi liderada por Ruy López de Villalobos (1500-1546), um jovem explorador que se viu às voltas com as investidas dos nativos e, sem sucesso, acabou sendo preso pelos portugueses em Molucas, onde viu sua vida se esvaír numa fria cela de prisão (Molina, 1992). Foi nesta época que chamaram a ilha de Leyte de Felipina, uma homenagem ao até então príncipe herdeiro da Espanha (Barandica, 2012).

As tentativas de retornar à América se mostraram malsucedidas. De acordo com os vestígios documentais, os ditos conquistadores foram vencidos pelo clima, pela falta de conhecimento e pela hostilidade com a qual os povos locais os receberam, dificultando imensamente suas vidas. Os que sobraram da expedição de Ruy López de Villalobos chegaram à Espanha em 1547, usando o conhecido circuito de Índias e África. Enfim, Carlos V e os espanhóis pareciam ter desistido de vez da empreitada por cerca de duas décadas. Em outras palavras, os europeus não estavam predestinados a vencer. Antônio de Morga escreveu que tal armada comandada por Villalobos também enfrentou desavenças com os portugueses e forte resistência dos indígenas locais, ficando para trás o desejo de encontrar o caminho de volta à Nova Espanha (Morga, 1890).

Quando Villalobos chegou a Mindanao, o governador português das Molucas, Jorge de Castro, enviou-lhe cartas exigindo explicações sobre sua presença em território português. Villalobos respondeu, quantas vezes fossem necessárias, que estava em território do Rei de Castela. No entanto, após várias adversidades, Villalobos teve que recuar para as Molucas, onde foi aprisionado pelos portugueses (Machuca, 2019, p. 72).³

Tempos depois, Felipe II (1527-1598) ressuscitaria o projeto do Oriente. Em 1559, ordenou que o vice-rei da Nova Espanha, desta feita Luis de Velasco (1511-1564), organizasse uma expedição para o leste da Ásia. Contudo, sob a expressa proibição de tocar as Molucas. Andrés de Urdaneta (1498-1568), que já havia participado da fracassada empreitada de Loaisa, passava dos cinquenta anos de idade quando foi destacado para a mencionada missão. Anos antes, havia se tornado partícipe da Ordem de Santo Agostinho.

3 Tradução nossa. No original: "*Cuando Villalobos llégo a Mindanao, el gobernador português de las Molucas, Jorge de Castro, le envió cartas para exigirle una explicación del porqué de su presencia en territorio lusitano, a lo que Villalobos le respondió, tantas veces como fue necesario, que él se encontraba en la demarcación del rey de Castilla. Pero después de varias adversidades, Villalobos tuvo que retirarse hacia las Molucas, donde fue encarcelados por los portugueses*".

Se o citado navegador possuía a vasta tarimba a respeito da travessia transpácífica, no final das contas quem assumiu a capitania foi Miguel López de Legazpi (1502-1572). A expedição, pelo que se registrou, foi cercada de polêmicas desde o início. A situação era mais delicada do ponto de vista das relações diplomáticas, uma vez que, para além do que se versara em Tordesilhas, desde 1529 também vigorava o Tratado de Saragoça, de modo que a permanência espanhola no Oriente poderia complicar o concerto dos reinos na Europa. Mas o fato é que a empreitada consistia somente em resgatar os de Espanha que haviam ficado para trás quando dos fracassados projetos expedicionários anteriores.

A historiografia, também controversa, indica que o projeto foi mudando a feição ao longo de sua estruturação. Para uns era evidente que se tratava de uma dissimulação, pois o intuito sempre fora lançar raízes na porção leste da Ásia. Juan Pablo Carrión (1513-1528), que esteve na expedição de Villalobos, envolveu-se em várias contendas com Urdaneta. Este pretendia ir direto à Nova Guiné, possivelmente numa última tentativa de recompor o orgulho arranhado pela desgraça da expedição que participara; e não pretendia violar tratados internacionais. Aquele defendia a rota direta para as Filipinas. Venceu a experiência do primeiro ou o desejo real, difícil saber. Mas o que se tem certeza é que Carrión ficou fora da missão.

A morte de Velasco teria feito o jogo mudar ainda mais, ou se alteraram as configurações (Elias, 1994) para ser mais preciso do ponto de vista teórico. A Audiência do México interferiu diretamente e traçou o destino, a saber: as Filipinas. Alguns pesquisadores são enfáticos em ressaltar que Urdaneta, inclusive, teria sido enganado. Embarcou convicto de que seguia para a Nova Guiné. Teria tomado conhecimento de que navegava para o arquipélago que dava nome ao rei somente quando já estava no meio da viagem. Embora haja divergência entre as pesquisas e muitos apontem que Velasco e Urdaneta sempre visaram, ao fim e ao cabo, exatamente as Filipinas (Cervera, 2015).

Aqui se observa o papel da América como palco de decisões que, eventualmente, iam contra os desígnios reais. Isso é interessante para se notar porque coloca em evidência uma perspectiva de análise desse passado menos centrada na lógica de uma dependência do centro decisório do poder. Ademais porque, como apontam as interpretações historiográficas nem tão recentes assim, evita-se os modelos generalistas ou estruturantes que, geralmente, deixam de fora atores e variáveis históricas significativas. O olhar mais aproximado, refiro-me aqui ao "jogo de escalas" (Revel, 1998), aponta para episódios e detalhes, de maneira que se nota a falta de conclusões, provisoriedades e complexidades em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos e culturais. Além disso:

Aproximar a costa mexicana do mar da China é também atenuar o nosso eurocentrismo inextinguível e fazer surgir novas questões. Trata-se de religar os cabos que as historiografias nacionais desligaram e de submeter os elementos assim reunidos a uma leitura global que os faça dialogar entre si e já não apenas com a Europa (Gruzinski, 2015, p. 115-116).

Independentemente das querelas americanas, o que se sabe é que López de Legazpi foi direto às Filipinas. Eram cinco navios que partiram em novembro de 1564. Em fevereiro do ano seguinte estavam no referido destino. Em Cebu, conta-se, estabeleceram um assentamento naquele arquipélago fundando a cidade de San Miguel (Rodríguez, 2009). Mas havia um desafio ainda por ser vencido: a malfadada viagem de volta à Nova Espanha. Felipe de Salcedo (1549-1576), neto de Legazpi, foi escolhido para fazer a viagem de volta, era um jovem navegador. Ao fim, comandou em partes porque Urdaneta, um senhor bem idoso, esteve por perto o tempo todo. Este, experiente, rumou para o norte em direção ao Japão e, de lá, seguiu no sentido à América. Em outubro de 1565 chegaram em Acapulco que, a partir desse momento, tornou-se o porto mais importante na bacia do Pacífico, local nevrálgico para as relações entre o Novo Mundo e o Oriente.

Para alguns pesquisadores, um outro navio teria ultrapassado o capitaneado por Salcedo e Urdaneta e chegado antes. À comando de Alfonso de Arellano (?-1580), a embarcação San Lucas teria atracado no porto de Navidad com dois meses de antecedência. Para outros, o percurso já era conhecido e ambos os navegadores já sabiam da rota (Cervera, 2015). Para Antônio de Morga, um piloto mestiço à comando de uma embarcação na qual se encontrava Arellano teria feito o retorno, sem autorização expressa, para conquistar a *fama* de ter sido aquele que descobrira o caminho de volta.

Lope Martín, mulato, bom marinheiro, mas irrequieto, que, estando já perto das ilhas, deixando a sua armada, se adiantou e entrou nelas, e tendo resgatado alguns mantimentos, sem esperar pelo Adelantado, regressou à Nova Espanha pelo lado norte; quer pelo pouco prazer que tinha em ter feito a viagem até as ilhas, quer para ganhar a recompensa de ter descoberto a viagem de regresso (Morga, 1890, p. 8-9).⁴

Independentemente de quem chegou primeiro, o que se deve considerar é que quando os espanhóis se estabeleceram nas Filipinas eles violaram dois tratados: Tordesilhas e Saragoça (Lobato, 2009). Obviamente que os desentendimentos em torno dos espaços ocupados por Portugal e Espanha, no Oriente, deixaram de ter força quando Felipe II, em 1580, assumiu o trono português (Gil, 1989). Mas a permanência dos espanhóis naquelas ilhas não foi nada fácil entre fins do século XVI e ao longo do XVII. A convivência entre as diferentes entidades culturais sempre foi muito frágil e dependente de negociações de vária ordem. Quanto às

4 Tradução nossa. No original: "*Lope Martín, mulato buen marinero, aunque inquieto, que hallándose ya cerca de las islas, dejando su armada, se adelantó y entró por ellas, y rescatados algunos bastimentos, no esperando á el Adelantado, dio vuelta á la Nueva España por la parte del Norte; ó por el poco gusto que llevaba de haber hecho el viaje á las islas, ó por ganar el premio de haber descubierto la vuelta*".

Índias Ocidentais, há que se destacar que

Os agentes da metrópole ibérica não tinham força ou capacidade suficientes para estabelecer políticas de colonização eficazes na franja ocidental das Índias, sendo necessário delegar o controle da área aos reinos da Nova Espanha e do Peru. Quando a Via Austral deixou de ser um corredor transoceânico peninsular entre o Atlântico e o Pacífico, o México passou a servir como uma ponte centralizadora e operacional para uma projeção em direção à China. A partir de então, o Pacífico iniciou sua mutação em direção a uma identidade colonial (Bonialian, 2023, p. 63).⁵

Os espanhóis nas Filipinas

As chamadas ilhas Filipinas eram compostas por uma vasta população quando da chegada dos europeus. O frei espanhol Juan de Cobo (1547-1594), em seus escritos, nos fornece uma dimensão da pluralidade étnica e cultural que se encontrava naquela região. O religioso indica que se podia deparar com os naturais do arquipélago que, em relação aos aspectos físicos, eram parecidos com os negros africanos. Talvez, pensava o frei, fossem os mais antigos desses territórios. Correspondiam a homens belicosos, que se acomodavam em montes quase sempre despovoados e com suas flechas e lanças se punham a guerrear contra os espanhóis. Suas casas eram feitas de canas e, desnudos, mostravam-se rebeldes e arredios à presença estrangeira (Cobo apud Remesal, 1932).

Os mouros também se encontravam naquelas ilhas havia tempos. E, para o religioso espanhol, eram bem-vestidos, sendo que transitavam com roupas ornadas com ouro e adereços em metais presentes em calças e coberturas. Embora andassem descalços, do ponto de vista das vestimentas causavam boa impressão ao olhar europeu. As mulheres mouras trajavam saias de tecidos fabricados naquelas terras insulares, com cores vibrantes, predominando o branco e o azul. Homens e mulheres andavam descalços. Mas estas se movimentavam de maneira sensual, com um gingado corporal que realçava peitos e ventre, embora as cabeças fossem cobertas com mantas tecidas em panos nuançados. Para Juan de

5 Tradução nossa. No original: "*los agentes de la metrópoli ibérica no contaron con la suficiente fuerza ni la capacidad para establecer políticas efectivas de colonización en la franja oeste de las Indias, viéndose en la necesidad de delegar el control del área a los reinos de la Nueva España y del Perú. Cuando la vía austral dejó de ser un corredor transoceánico peninsular entre el Atlántico y el Pacífico, México comenzó a desempeñarse como puente centralizador y operacional para una proyección hacia China. Desde entonces el Pacífico inició su mutación hacia una identidad india*".

Cobo, a gente daquelas ilhas era "mais espirituosos e mais nobres do que os da Nova Espanha, embora não sejam tão religiosos" (Cobo *apud* Remesal, 1932, p. 681).⁶ Por fim, nos relata que eram mais trabalhadores se comparados com os povos da Nova Espanha, embora, em sua perspectiva, menos laboriosos que os de Espanha. Na realidade, há que se considerar que, naquele momento, havia diferentes impérios islâmicos em expansão e "ainda no século XVI, dever-se-á acrescentar a existência de comunidades de mercadores árabes e muçulmanos espalhados por todo o oceano Índico, bem como a vitalidade demonstrada pelos diversos reinos islamizados na Malásia, até muito depois da chegada dos portugueses (Curto, 2015, p. 14).

Para Cobo, que esteve nas Filipinas, as Vissaias eram compostas por habitantes com corpos pintados, com imagens tatuadas na pele. Todos com boa proporção e desnudos, gente de muito bom ânimo para o trabalho, com argolas de ouro em suas orelhas. Eram muitos povos e Cobo resumia sua surpresa destacando que era difícil mapear tanta diversidade humana, uma vez que "escrevo porque não há como contar o número de misturas de gentes com outras gentes. É uma cidade na qual encontramos todo tipo de mistura e ruídos" (Cobo *apud* Remesal, 1932, p. 681).⁷

Dolors Folch Fornesa ressalta que o processo de estabelecimento dos europeus naquelas paragens foi tão violento quanto aquele que se passava, no mesmo período, nas Américas. Suas pesquisas apontam números impressionantes, destacando que, entre 1565 e 1600, houve um decréscimo considerável da população das referidas ilhas, com relevo para os territórios de Vissaias e Panay que, em média, tiveram 50% de suas populações dizimadas. Francisco de Ortega (?-1601), que foi bispo das Filipinas, ajuda a pesquisadora a compor esse quadro devastador através de seus relatos, nos quais aparecem dados sobre os massacres que teriam se abatido em lugares como Luzón. Mesmo após a fundação da cidade de Manila, em 1571, os religiosos ainda reportavam indícios sobre a destruição dos naturais da terra (Fornesa, 2013).

A sociedade das Filipinas foi uma das mais dinâmicas e diversas dentro do grande império espanhol. Após a conquista espanhola, Manila tornou-se um importante centro comercial, um ponto de intermediação entre o comércio asiático de tecidos preciosos, especiarias e porcelanas e o comércio transpácífico realizado por navios que anualmente transportavam a preciosa prata americana para o arquipélago. Alguns autores sustentam que esse importante intercâmbio intercontinental deu origem ao primeiro comércio

6 Tradução nossa. No original: "*mas briosa y mas hidalga que la de la Nueva España, aunque no son tan religiosos*".

7 Tradução nossa. No original: "*escribir, por que son sin cuento los mixtos que ay de gentes con gentes. Esto es en esta Ciudad, que es la de todo ruydo*".

global. Além disso, esse intenso comércio fomentou diversas migrações livres e escravas que transformaram a sociedade de Manila em um mundo heterogêneo composto não apenas por uma influente, embora pequena, comunidade espanhola, mas também por portugueses, novo hispânicos, chineses e japoneses (Oropeza, 2020, p. 69).⁸

Antônio de Morga, ao preparar uma crônica a respeito das ações que se empreenderam sobre as ilhas, invariavelmente ressalta a importância dos trabalhos feitos pelos europeus, ressaltando a singularidade dos espanhóis e de homens como Miguel López de Legazpi que, com sua destreza e árduo trabalho, teria prosseguido de forma positiva com a conquista e pacificação das regiões adjacentes às Filipinas. Para o jurista, alguns povos teriam se submetido de forma pacífica, enquanto outros só foram dobrados através do uso das armas e com a obra constante dos religiosos quando da pregação do Santo Evangelho. Ou seja, "a terra é confiada àqueles que a pacificaram e povoaram, colocando a coroa real nos chefes das províncias, portos e povoações das cidades e vilas que se fundaram, com outras confianças particulares, para as necessidades que se oferecem, e despesas da riqueza real, tratando das coisas do governo e conversão dos indígenas" (Morga, 1890, p. 10-11).⁹

Além do exposto, Morga também destaca em seus relatos que a comunicação entre as ilhas Filipinas e a Nova Espanha foi decisiva para a manutenção daquelas paragens no início da conquista e da colonização, pois o socorro necessário atravessava o oceano Pacífico vindo em navios que partiam do porto de Acapulco, no México. Contudo, o próprio governador Miguel López de Legazpi sabia das dificuldades de se estabelecer naquelas ilhas e do quanto era necessário tecer relações com os indígenas para, acima de tudo, acessar a China. Em missiva enviada ao vice-rei, na Nova Espanha, em julho de 1570, o Adelantado das Filipinas destacava que:

8 Tradução nossa. No original: "*La sociedad de las islas Filipinas fue una de las más dinámicas y diversas dentro del gran imperio español. Por un lado, tras la conquista española Manila se convirtió en un destacado centro comercial, un punto de intermediación entre el tráfico asiático de preciados textiles, especias y porcelanas, y el tráfico transpacífico efectuado a través de las naos que anualmente conducían la preciada plata americana al archipiélago; algunos autores sostienen que de este importante intercambio intercontinental surgió el primer comercio global. Asimismo, el intenso comercio impulsó diversas migraciones libres y esclavas que convirtieron a la sociedad manileña en un mundo heterogéneo integrado no sólo por una influyente, aunque pequeña, comunidad española, sino por portugueses, novohispanos, chinos y japoneses*".

9 Tradução nossa. No original: "*Encomendóse la tierra á los que la han pacificado, y poblado, poniendo en la real corona cabeceras de provincias, puertos y poblaciones de las Ciudades y Villas que se han fundado, con otras encomiendas particulares, para las necesidades que se ofrecen, y gastos de la real hacienda, tratando las cosas de gobierno y conversión de los Naturales*".

Também quero ter a certeza da vontade de sua majestade se é para recolher as Molucas e os que lhe pertencem daquela parte, porque para isso a sede de Cebu é mais conveniente do que a outra pela bondade do porto, mas se sua majestade pretende que os seus ministros se estendam à parte norte e costa da China, considero mais conveniente fazer uma sede na ilha de Luzon, de onde veio agora o mestre do arraial, onde descobriu um porto, ainda que pequeno, mas cómodo para meia dúzia de navios, a légua e meia da vila de Manila, cabeça de toda a província, a qual e a gente que tem ouro e roupa e gente para a defender, porque até agora não houve tanta gente junta nem com tanta artilharia como ali, e ainda que à entrada nos deram paz, depois quebraram-na e deram guerra; Trouxeram-me para este arraial de lá dez peças pequenas e grandes de bronze e dois versos de ferro, sem outras peças de bronze que foram lançadas ao mar por não as poder trazer (AGI, Patronato, 24).¹⁰

O que se observa na experiência de Legazpi é que a permanência espanhola nas ilhas do Poente só seria possível a partir do momento em que se estabelecesse relações comerciais com a China. Mas também se pode perceber que os indígenas locais tiveram grande importância e suas tomadas de decisão impactavam na forma como os espanhóis precisavam se reorganizar. Os laços estabelecidos, marcados pela provisoriedade, eram feitos e desfeitos a todo instante. O governador aponta que os de Luzon receberam amigavelmente os enviados da Espanha e, repentinamente, voltaram atrás e fizeram a guerra. Isto é: pode-se interpretar que feitos os cálculos econômicos e políticos da aliança com os ibéricos, os indígenas perceberam que ainda era mais vantajoso o trato com os chineses. Parece-me que o desafio espanhol era, dessa forma, vencer os locais para acessar à China. Porém, a artilharia presente nas ilhas, naquele momento, levava os forasteiros europeus novamente à negociação.

Depois da morte de Legazpi, o poder passaria às mãos de Guido de Lavezaris (? -1581). Como governador das ilhas, ele enfrentou problemas que demonstram o quanto as assertivas de Antônio de Morga sobre as conquistas e pacificações, na região, feitas pelo primeiro Adelantado eram, em certa medida, ilusórias. O domínio, ao fim e ao cabo, era incerto e frágil.

10 Tradução nossa. No original: "*También quería estar cierto de la voluntad de su magestad si é de cobrar a maluco y los que más le pertenece de aquella parte, porque para esto está más cómodo el asiento de çubu que outro por la bondad del puerto, pero si su magestad pretende que sus ministros se estiendan a la parte del norte y costa de China, tengo por más açertado hazer asiento en la ysla de luçón, de donde vino agora el maestre de campo, donde descubrió vn puerto, avunque pequeño, pero cómodo para media doçena de navios, légua y media de pueblo de Manilla, cabazera de toda aquella provincia, el qual y la gente que tiene oro y ropa y gente que lo defienda, porque hasta agora no se á visto tanta gente junta ni con tanta artillería como allí, y aunque a la entrada nos reçibieron de paz, después la rompieron y le dieron guerra; traxéronme a este campo de allí diez pieças de bronçe chicas y grandes y dos versos de hierro, sin otras pieças de bronçe que se echaron en la mar por no las pode traer*".

Dependia, diuturnamente, do diálogo e das redes estabelecidas com os poderios locais que, estes sim, acessavam os produtos de China. Os filipinos, ao que parece, calculavam por todo tempo o que seria mais benéfico: o trato com os chineses ou com os espanhóis. Afinal de contas havia séculos que as chefaturas das ilhas estavam diretamente envolvidas no comércio com o Império Celeste.

Assim, se Lavezaris continuou a tarefa iniciada pelos espanhóis nas Filipinas não há como indicar que a conquista foi rápida, certa e invariável. Em carta ao rei de Espanha, em junho de 1573, ele destacava que

Alguns dos naturais desta ilha são mouros maometanos, especialmente os que vivem junto ao mar; os da terra do interior são mansos, usam muitas e muito boas armas, que são bersos grandes e pequenos, lanças e punhais e flechas com erva mortal; usam corseletes de chifre de búfalo e cordão atado e torcido, trazem pabeses ou tablachinas; costumam fortificar-se em fortalezas, onde colocam artilharia e flechas, cercam-nas por fora com fossos cheios de água, de modo que parecem ser muito fortes, mas Nosso Senhor que nos ajuda, porque a sua santa fé católica é exaltada, sempre nos deu a vitória para sua honra e glória e para honra de Vossa Majestade (AGI, Filipinas, 6).¹¹

Diante do exposto, observa-se que a conquista e a pacificação de tais ilhas, como aparece em muitos dos relatos sobre a expansão ibérica pelo Oriente – algo que permanentemente foi aceito de forma acrítica pela historiografia – só podem ser compreendidas à luz das informações devidamente embasadas que eram passadas aos espanhóis por parte dos indígenas aliados que também podem ser chamados de conquistadores locais. Os avanços pelo arquipélago, aparentemente dominados pelos europeus em apreço, foram embaralhados inclusive pelos ataques externos que contaram com o auxílio de muitos povos que, aparentemente, estavam pacificados. Morga não pode deixar de notar que, no tempo de Lavezaris, as Filipinas foram atacadas por um corsário chinês conhecido como Limahong que, a frente de setenta navios e muita gente de guerra, assaltou Manila e matou muitos espanhóis, inclusive o mestre de campo Martín de Goiti (1549-1576) (Morga, 1890).

De fato, a morte do principal soldado espanhol pelas mãos do navegante Limahong, considerado pirata chinês, foi marcante no sentido de o território comandado pelos ibéricos ter sido atacado por estrangeiros e, como se observa, com o apoio de povos que, aparentemente, estavam sob controle ibérico. Ao crer no que aponta Morga sobre as notícias da investida chinesa, foi uma armada considerável composta por mais de setenta navios e com homens de guerra de diferentes partes do Oriente.

Os espanhóis, em menor número e menos equipados, não poderiam vencer o bando comandado pelo chinês. Qualquer movimento ibérico só seria possível se os europeus pudessem contar com o apoio dos povos da região. E, de fato, as fontes demonstram que os de Espanha foram socorridos pelos indígenas daquelas paragens. Ou seja: a passagem de Limahong pelas redondezas das ilhas chamou a atenção de muitos sujeitos locais que resolveram auxiliar na luta contra a invasão corsária à Manila. Há registros que cerca de mil e quinhentos indígenas das ilhas próximas resolveram se aliar aos espanhóis na peleia contra o invasor. Assim, ao contar com as tropas da região, os espanhóis puderam fazer com que os soldados liderados pelo chinês abandonassem as Filipinas (Morga, 1890). Ou seja, "a participação dos nativos no cerco de seis meses a Limahong, que havia se entrincheirado a cerca de quarenta léguas de Manila, foi decisiva na derrota final do pirata chinês" (Machuca, 2019, p. 107).¹²

Com efeito, a "ilusão retrospectiva" (Gruzinski, 2015, p. 127) pode nos conferir uma visão turva da ação ibérica tanto no Novo Mundo quanto no Mar de China. Afinal de contas, não se pode pensar que relatos de cronistas, a exemplo de Morga, são representativos de uma única e inexorável conquista. São sucessivas etapas, marcadas por avanços e retrocessos que, só depois e bem mais tarde, tornaram-se parte de um discurso de vitória.

Ora, para os próprios chineses, a situação colocada pelo corsário da sua terra era inusitada e os espanhóis foram informados de que o imperador não estava por trás daquela investida nas Filipinas. Tanto foi assim que ainda no governo de Guido de Lavezaris, por iniciativa chinesa, estabeleceu-se um extenso trato comercial com os ibéricos das ilhas do Poente, algo que marcaria por muitos séculos as relações entre China, América e Europa nos quadros da Primeira Modernidade. O comércio do grande Império com Manila, acentuado a partir desse momento, fazia com que todos os anos muitos navios viessem aos portos das Filipinas e, muitos desses produtos, escoavam para a Nova Espanha através do Galeão de Manila. Todavia, há que se pensar na política interna chinesa, uma vez que:

11 Tradução nossa. No original: "*Los naturales desta yslla algunos son morros mahometanos, especialente la gente que bibe junto a la mar; los de la tierra dentro son gentiles, husan muchas aras y muy buenas, que son bersos grandes y pequeños, lanças y pañales y flechas con yerba mortífera; bisten corseletes de cuerno de búfalo y de cordel torsido y anudado, traen pabeses o tablachinas; acostumbrañ fortificarse en fuertes, do meten artillería y flechetería, chienimos por de fuera con fosos llenos de agua, de suerte que se había atrincheirado a unas cuarentas leguas de Manila, fue determinante para la derrota definitiva del Duabá chino*".

12 Tradução nossa. No original: "*La participacion de los nativos en el asedio de seis meses a Limahong, quien se había atrincheirado a unas cuarentas leguas de Manila, fue determinante para la derrota definitiva del Duabá chino. Dado siempre victoria a honor y gloria suya y a honra de V.M.*".

A chegada dos espanhóis às Filipinas em 1565 coincidiu com um evento altamente significativo na história chinesa. Em 1567, dois anos depois, o governo chinês suspendeu a política *haijin*, que proibia o comércio marítimo estrangeiro, e designou Yuegang (Porto da Lua), localizado na Prefeitura de Zhangzhou e conhecido em fontes castelhanas e portuguesas como Porto de Chincheo, como o único local autorizado para tal comércio. Yuegang (Porto da Lua) recebeu esse nome devido à sua forma geográfica, semelhante a este corpo celeste. Era uma baía fluvial onde o Rio Jiulong desaguava no mar. Este porto surgiu na primeira metade do século XVI como um centro de contrabando sob o sistema *haijin*. Em 1567, ao conceder-lhe o privilégio do comércio exterior, o governo chinês estabeleceu um novo distrito chamado Haicheng, que incluía a mesma área do porto, e criou uma organização chamada Duxiangguan, cuja função era um tanto semelhante à de uma alfândega (Meng, 2024, p. 3).¹³

Antônio de Morga, em seus escritos, aponta que mesmo após dez anos da presença mais institucional dos ibéricos nas ilhas Filipinas, ainda assim era necessário todo tipo de concessão e diálogo com os naturais da terra. E, muito cedo, inclusive nos primórdios das conquistas, os espanhóis nas ilhas do Oriente se tornariam quase reféns dos chineses no sentido de manutenção da existência ibérica naquelas bandas. O governador Guido de Lavezaris, em carta ao Rei, indicava que:

Os chineses vêm aqui fazer os seus negócios desde que nós chegamos, porque sempre procurámos fazer tudo bem-feito, e assim, nos dois anos que estamos nesta ilha, os navios têm aumentado todos os anos, e vêm mais cedo do que antes. Os chineses que aqui vêm, como as gentes desta terra, andam quase nus por causa do calor, não trazem para lhes vender as sedas e coisas boas que levam para Malaca, mas dizem que se houver quem lhes compre trarão tanto quanto quisermos, e assim depois de negociarem com os espanhóis trazem todos os anos coisas melhores, e hão de trazê-las muito

13 Tradução nossa. No original: "*La llegada de los españoles a Filipinas en 1565 coincidió con un evento de gran relevancia en la historia china. En 1567, dos años después, el gobierno chino levantó la política haijin, que prohibía el comercio marítimo exterior, y designó Yuegang (Puerto de la Luna), situado en la prefectura de Zhangzhou y conocido en las fuentes castellanas y portuguesas como Puerto de Chincheo, como el único lugar autorizado para dichos intercambios. Yuegang (Puerto de la Luna) obtuvo su nombre debido a su forma geográfica, parecida a este cuerpo celeste. Se trataba de una bahía fluvial donde el río Guilhon desembocaba en el mar. Este puerto surgió en la primera mitad del siglo XVI como un centro de contrabando bajo el sistema haijin. En 1567, al otorgarle el privilegio de comerciar con el extranjero, el gobierno chino estableció un nuevo distrito denominado Haicheng, que incluía el mismo ámbito de dicho puerto, y creó una organización llamada Duxiangguan, cuya función era algo similar a la de una aduana*".

ricas; Se vierem mercadores da nova Espanha, poderão enriquecer e aumentar o almoxarifado real nestas partes, tanto pela contratação como pelas minas, cuja prosperidade e quantidade é notória (AGI, Audiência de Filipinas, 6).¹⁴

A percepção do governador, expressa em carta ao monarca, é inequívoca: não havia como prescindir de China para que se pudesse estabelecer naquelas ilhas. Logo cedo, os espanhóis entenderam que até mesmo a sobrevivência alimentar dos europeus estava intimamente relacionada com o trato que se colocava em prática com os povos por detrás da muralha. Daí a necessidade do bom tratamento dispensado aos chineses porque só dessa forma aumentaria o comércio. Lavezaris, obviamente, lança mão de artifício muito auspicioso, projeta a responsabilidade na Nova Espanha, centro nevrálgico do poderio espanhol. Cabia ao rei, então, entender que as relações entre o porto de Acapulco e Manila deveriam ocorrer com o mínimo de restrição possível com o fito de, no fim das contas, beneficiar o próprio Reino.

A chegada de Francisco de Sande (1540-1602), como terceiro governado das Filipinas, o que ocorreu em 1575, teve como ênfase principal a conquista e a pacificação das outras ilhas ao redor. Mas tais episódios somente foram possíveis diante de muita luta e resistência dos povos locais. Havia sociedades indígenas que optaram por ficar ao lado dos espanhóis e empreenderem junto com os chamados conquistadores outras conquistas. Sande esteve à frente da expedição que se dirigiu à ilha de Borneo e, com ele, foram mais de mil e quinhentos indígenas flecheiros aliados da Espanha que ajudaram na tomada da armada inimiga. E se a dita submissão não era tão fácil e simples em terra, tampouco havia a sujeição dos mares. Morga destaca a dificuldade que era para enviar os produtos e as informações para a Nova Espanha (Morga, 1890).

Todavia, as notícias das Filipinas chegavam com frequência à Espanha. A documentação, em geral, enumera os diferentes desafios que os europeus enfrentavam para se estabelecerem nas ilhas. Diante de constantes reclamações, o rei se deu conta de que era necessário fixar um processo de povoamento no Oriente. Pensava que a pacificação da terra só ocorreria com a presença de mais gente. Por isso a decisão real de que, com o governador Gonzalo Ronquillo de Peñalosa (? -1583), passasse às ilhas seiscentos homens, casados e solteiros, provenientes do reino. Certamente que a casa real precisou conceder mercês a uma parte desses indivíduos que se deslocaram a serviço do rei e em busca de fama.

14 Tradução nossa. No original : *"Los chinos an venido aqui a sus tratos después que venimos, porque siempre se á procurado hazer todo buen tratamiento, y así en dos años que á que estamos en esta ysla an venido aumentándose cada año más los navios, y vienen más temprano que solían, de suerte que la contratación suya está en la mano; estos que aqui vienen, como la gente desta tierra, andan casi desnuda por el calor, no traen a venderles las sedas y cosas buenas, que llevan a malaca, mas ellos dizen que si ay quien les compre que traerán tanto quanto quisiéremos, y así después que tratan con españoles traen cada año mejores cosas, y las traerán muy rricas; si de la nueva españa acuden mercaderes se podrán enriquescer y engrosar el rreal almoxarifazgo en estas partes, así por via de contratación como por las minas, cuya prosperidad y cantidad no es notória"*.

Em 1580, após promessas reais dos mais distintos prêmios, Ronquillo de Peñalosa assumia a governança das Filipinas. A fundação de novos povoados com os espanhóis que haviam atravessado dois oceanos foi uma das primeiras tarefas do governador. Ainda assim, a manutenção deles nas terras do Poente somente se tornava possível ao passo em que a presença chinesa permitisse que isso ocorresse. Os povos, acostumados ao trato com a China, não estavam dispostos a renunciar às relações com estes em favor dos ibéricos que, naquele momento, quase nada podiam oferecer. Antônio de Morga destaca que, no tempo de Peñalosa

Aumentou as relações com os chineses, fazendo para eles uma Alcaycería, e estes tinham um mercado dentro da cidade, onde podiam levar as suas mercadorias e vendê-las. Tentou descobrir a navegação das ilhas de volta à Nova Espanha, pelo lado sul, para o que enviou o seu primo capitão Don Juan Ronquillo del Castillo, o que não foi bem-sucedido, pois tendo navegado durante algum tempo, até se encontrar na zona da Nova Guiné, com muitas tempestades contrárias, não pôde avançar, e chegou às Filipinas. Enviou também outro navio a cargo de Don Gonzalo Ronquillo de Vallesteros para o Peru, com algumas mercadorias, em demanda de algumas coisas que dizia precisar para as Filipinas naquelas províncias; o qual regressou do Peru, encontrando o Governador já morto. Impôs uma taxa de dois por cento sobre a saída das mercadorias enviadas para a Nova Espanha e de três por cento sobre as que os chineses traziam para as Filipinas e, apesar de ter sido repreendido por o ter feito sem ordem de Sua Majestade, estas taxas mantiveram-se em vigor e foram estabelecidas para o futuro (Morga, 1890, p. 19-21).¹⁵

As negociações com os locais foram tão intensas que se permitiu, a partir de então, sob o governo de Ronquillo de Peñalosa, o estabelecimento de um enclave chinês dentro de um território que, a princípio, pertencia ao rei de Espanha. Em outras palavras, o que chamo de uma República Chinesa dentro do Império espanhol. Ali, no chamado Parían (Cervera, 2015), os chineses tinham liberdade para vender suas mercadorias. Incontestavelmente, ao passo que

15 Tradução nossa. No original: "*se engrosó el trato de los Chinos, y les hizo alcaycería, y parían dentro de la ciudad, en que sacasen sus mercaderías, y las vendiesen. Procuró descubrir la navegación desde las islas de vuelta para la Nueva España, por la parte del Sur, á que envió al capitán don Juan Ronquillo del Castillo su primo, lo cual no pudo tener efecto, porque habiendo navegado algún tiempo, hasta hallarse en parage de la Nueva Guinea, con muchos temporales contrarios, no pudo pasar adelante, y arribó á las Filipinas. Asimismo despachó otro navio á cargo de don Gonzalo Ronquillo de Vallesteros al Perú, con algunas mercaderías, en demanda de algunas cosas que decía había menester para las Filipinas de aquellas provincias; el cual volvió del Perú, hallando ya muerto al Gobernador. Impuso el dos por ciento de derechos de la salida, de las mercaderías que vienen embarcadas para la Nueva España; y el tres por ciento de las que los Chinos traen á las Filipinas, que aunque por haberse hecho sin orden de su Magestad, fué reprehendido, quedaron estos derechos puestos y asentados para adelante*".

as portas eram abertas para os de China, também era de suma importância que o trato com a América fosse mais sólido e menos marcado pelo controle central. O relato de Morga demonstra que o governador não só buscou encontrar caminhos mais simples para chegar e voltar da América, como bem cedo logrou estreitar os laços comerciais com os vice-reinos novo-mundistas. Inclusive se antepondo ao rei e estabelecendo cotas de impostos que cada lado das margens do Mar do Sul deveria pagar no âmbito das relações transpácificas.

Ronquillo de Peñalosa sabia da importância da China e do quanto era necessário tolerar a presença de seus povos no espaço imperial espanhol para manter aquela parte dos domínios do rei de Espanha. Lavezaris, seu antecessor, já enviara cartas ao rei explicando a configuração daquela parte do mundo. Em julho de 1574, ele indicava que:

Os chineses, vendo o bom tratamento que sempre lhes foi e está a ser dado, vêm todos os anos aumentando as suas contratações, e provam-nos de muitas coisas, tais como açúcar, farinha de trigo, eucaliptos, nozes, sultanas, peras e laranjas, sedas, porcelanas ricas, ferro e outras necessidades que nos faltavam nesta terra antes de eles chegarem (AGI, Audiência de Filipinas, 6).¹⁶

O governador compreendia, em tal caso, que seus antecessores haviam se dado conta de que, no Oriente, a questão das conquistas seria um pouco distinta daquela que se passara na América. Mesmo quando as coroas ibéricas se uniram, a partir de 1580, ainda assim a permanência nas Filipinas era frágil e dependente de configurações móveis. Ronquillo de Peñalosa foi avisado de que deveria manter uma relação à mais tranquila possível com os portugueses e auxiliá-los no que fosse preciso. Tanto que ele enviou auxílio a Diego de Azambuja, na ilha de Tidore.

Tal expedição, que deixou as Filipinas com o intuito de ajudar Azambuja na conquista e pacificação de Terrenate, foi comandada por Juan Ronquillo de Castillo (1558-1617). Era uma armada que, chegando à Molucas, não teve como cumprir sua missão. As fontes históricas indicam que a expedição contou com mais de mil e quinhentos indígenas de distintas províncias das Filipinas, mas, para o desespero de seu comandante, a tropa foi abatida pelo beribéri e a maior parte dos combatentes, do lado espanhol, encontrou-se enferma, o que impossibilitou o socorro aos portugueses, embora as relações entre os últimos e os espanhóis tenham sido de relativa tranquilidade nesse período. Note-se, além disso, a recorrência da estimativa de combatentes: mil e quinhentos homens.

Ainda no governo de Ronquillo de Peñalosa foram enviadas tropas espanholas em direção à província de Cagayan (Cagaiã), na ilha de Luzon, quase nas franjas do império de

16 Tradução nossa. No original: "*Los chinos, viendo el buen tratamiento que siempre se les á hecho y haze, vienen cada año aumentándose en su contratacion, y nos probeen de muchas cosas, como son açúcar, harina de trigo, çeuada, nuezes, pasas, peras y naranjas, sedas, porçelanas rricas, hierro y otras menudencias de que solíamos careçer en esta tierra antes que ellos viniesen*".

China. O capitão Juan Pablos de Carrión, à frente da armada, só obteve sucesso porque precisou se valer das inimizades dos locais naquelas paragens e, especialmente, das rivalidades de dois irmãos principias que estavam a pelear (Morga, 1890). Assim, observa-se que estar mais próximos das fronteiras chinesas pressupunha dialogar e acordar sobre o trato com os naturais das ilhas. No limite, utilizar das desavenças locais para angariar qualquer possibilidade de vitória. No fim das contas, os espanhóis se estabeleceram e formaram um povoado, mas tudo isso se dá apenas por conta das negociações entre os europeus e os indígenas daquela região. Tal união, que também interessava aos nativos, foi inclusive a única possibilidade que estes viram para contarem com o auxílio dos espanhóis na expulsão de corsários japoneses que rondavam aquelas paragens.

O governo de Gómez Pérez Dasmariñas (c. 1539-1593) igualmente foi marcado por alianças com poderios locais, o que podia garantir a permanência espanhola nas Filipinas. Durante esse período, o rei do Camboja enviou uma embaixada até Manila, regalando Dasmariñas com dois elefantes e oferecendo amizade e contratações comerciais que seriam benéficas para ambos os reinos. Em troca, o monarca pedia auxílio do espanhol para combater o reino de Sião que vinha ameaçando o de Camboja. Dasmariñas aceitou de bom grado os presentes e devolveu a gentileza com um cavalo, esmeraldas e outros mimos. O governador espanhol sabia que não era prudente, naquele momento, enviar a ajuda pedida. Todavia, começou a partir daquele instante as viagens e as transações entre Manila e Sião. Algo que se daria também com o Camboja.

A intenção do governador das Filipinas era bem outra: as Molucas. O desejo de Dasmariñas de conquistar a fortaleza de Terranate era evidente desde sua chegada ao Oriente. Outros militares já haviam tentado, mas falharam. Ao longo de todo o seu período no governo, de modo secreto, foi preparando a jornada que o levaria àquelas terras. O ano de 1593 foi marcante por ser aquele no qual o governante resolveu colocar seu plano em prática. O espanhol, pessoalmente, esteve à frente dessa missão. As fontes revelam que, com ele, foram mais de novecentos espanhóis. Todavia, a jornada só foi possível por conta da ajuda dos indígenas filipinos, exímios flecheiros que embarcaram nas tropas do governante. Também contava, em seu bando, com chineses que foram embarcados e muitos deles estavam contrariados em participar daquela missão (Morga, 1890). Em momento oportuno, durante a distração dos ibéricos, os da China se rebelaram e atacaram.

O governador, quando ouviu o barulho dentro da câmara, e entendeu que a galera estava a fazer vela, e que a turba estava a abrir a tenda e a pegar nos remos, saiu a correr da câmara, e com a cabeça descoberta pela portinhola da câmara, alguns chineses estavam lá à sua espera, e com uma catana abriram-lhe a cabeça. Caiu assim ferido pelas escadas abaixo até a câmara de onde dois criados que tinha lá dentro o retiraram para a cama e imediatamente morreu; e o mesmo fizeram os criados, das pancadas que lhes deram pelo alçapão. Os únicos que ficaram vivos foram Luán de Cuellar, secretário do governador e o

padre Montilla da ordem de S. Francisco que dormiam na câmara do meio (Morga, 1890, p. 23-24).¹⁷

O assassinato de Dasmariñas revela a falta de controle que os espanhóis possuíam sobre aquela região e os seus distintos povos, ficando indiscutível que "o conflito recorrente, o equilíbrio instável de uma coexistência que é sempre tão rentável do ponto de vista econômico como explosiva do ponto de vista social." foi o que caracterizou a presença ibérica no Oriente e, no que diz respeito à "as dinâmicas sino-castelhanas, apresentam características de organização, geografia urbana e engenharia social, da concessão da empresa colonial e da imposição mais ou menos compulsiva de valores, normas sociais e práticas religiosas com aspectos de grande interesse" (Ollé, 2013, p. 158) que não podem ser desconsiderados quando intentamos compreender o avanço da monarquia católica através do Pacífico.

O episódio da morte do governador é representativo do dito equilíbrio instável que, com o passar dos anos, vai ficando cada vez mais dependente das relações com os chineses que permanecem nas Filipinas. Antônio de Morga enfatiza que os espanhóis que ficaram nas outras embarcações, em nada puderam ajudar no atrito entre os de China e Dasmariñas. Os ibéricos eram em número diminuto e não possuíam condições de guerrear com os homicidas. Ao contrário, passaram a noite toda praticamente à deriva e sem condições de atuarem naquela questão. Quanto aos chineses, depois de matarem o governante espanhol se foram, navegaram pelas ilhas e tentaram acessar a China, foram impedidos. Ao atracarem na Cochinchina tiveram os bens que levavam apreendidos pelo governante local e, sem absolutamente nada em mãos, vagaram dispersos pelas províncias da região.

A julgar pelo relato de Morga, os chineses que mataram o governador das Filipinas e desmantelaram os planos tão bem elaborados dos espanhóis de conquistar as Molucas também não foram muito longe. Nesse cenário de incertezas e negociações frágeis e suscetíveis às distintas configurações, o que os revoltosos levaram dos ibéricos foi tomado pelos da Cochinchina. Desde as peças de artilharia até joias e dinheiro, precisando se refugiarem em distintas partes espalhadas pelo grande oceano.

A despeito do ocorrido, não era possível para os espanhóis interromperem as relações com os chineses de Manila e pode-se pensar que tampouco desejavam fazer isso. Nas últimas décadas do século XVI, bem como durante a primeira metade da centúria seguinte, haveria muitas tentativas dos ibéricos de controlar a presença chinesa nas ilhas do Poente. Todavia,

17 Tradução nossa. No original: "*El gobernador, cuando sintió el ruido dentro de la cámara, entendiendo que la galera garraba, y que la chusma abatía la tienda, y tomaba los remos, salió a priesa del cuidado, y descubierta la cabeza por el escotillón de la cámara, aguardábanle allí algunos Chinos, y con una catana le partieron la Cabeza: cayó así herido por la escalera dentro de la cámara; de donde, dos criados que dentro tenía, le retiraron á la cama y luego murió ; y lo mismo los criados, de picazos que por el escotillón les dieron: y sólo quedaron vivos en la galera, luán de Cuellar, secretario del gobernador, y el Padre Montilla, de la orden de San Francisco, que dormían en la cámara de en medio*".

isso se tornava impossível porque a própria sobrevivência europeia naquelas ilhotas dependia, em grande medida, das relações comerciais com tais povos.

A essa altura, poderíamos falar de conexões nas quais os ibéricos não possuíam inteiramente o controle, configurando outras formas de se pensar o que é o moderno. E se Fernão de Magalhães, conforme expus anteriormente, não pode ser ignorado no concerto dessa nova configuração mundial que se avizinhava, não se pode ignorar que:

As relações multiplicadas com as grandes religiões e civilizações do planeta alimentaram milhares de experiências humanas que produziram outras formas de modernidade, segregadas nas periferias dos mundos por europeus e por todos os que, de forma voluntária ou não, entraram em contato com eles (Gruzinski, 2015, p. 355).

Assim, a presença espanhola nas Filipinas, ao longo do século XVI só pode ser compreendida na sua relação em duas vias: com a América, que se torna no fim das contas um espécie de centro decisório e, portanto, espaço primordial e de agência para diferentes indivíduos nos quadros da expansão ibérica; e nos laços estabelecidos com as diferentes entidades culturais espalhadas pelas ilhas do Poente que, cientes do poder que possuíam no trato com a China, souberam tirar proveito das necessidades que os espanhóis apresentavam para que pudessem se estabelecer no Oriente.

Conclusões

No ano de 1588, frei Domingo de Salazar (1512-1594), primeiro bispo das Filipinas, encaminhava ao rei de Espanha documentação referente às ilhas do Poente. Neste informe, o religioso destacava, surpreso, que passados mais de vinte anos da presença espanhola e da fé cristã naquelas paragens, era evidente que a maior parte dos naturais da terra não havia sido convertida ao evangelho. O pior, segundo o relator, é que os muitos neófitos não possuíam acesso à doutrina uma vez que o número de ministros era diminuto frente a quantidade de indígenas.

E se o Cabildo, no ano de 1587, havia enviado ao monarca uma carta resumindo tal situação e solicitando a presença de mais religiosos, era notório que tal súplica não havia chegado por conta do extravio da embarcação que portava a missiva. Além disso, para o bispo

e para alívio da vossa real consciência e da minha, e para o bem dos ditos indígenas convém que se deem ordens para que os que se converteram tenham ministros que os ensinem e apoiem no cristianismo, pois é sabido que

logo que lhes faltam ministros, voltam aos seus ritos e à sua religião (AGI, Audiência de Filipinas, 74).¹⁸

Diante dessa primeira impressão destacada por Domingo de Salazar, se pode inferir que os espanhóis estabelecidos nas Filipinas quando da expansão ibérica pelo Oriente, se dedicaram muito mais aos tratos mundanos do que às coisas da fé. E não podia ser diferente diante da necessidade de estabelecer alianças com os poderios locais. Logo, pode-se dizer que a ação espanhola nas ilhas do Poente foi mais tolerante com os desvios da fé e com os não convertidos face à fragilidade do estabelecimento do império espanhol naquela região. Para além disso, parece que as relações com a China se sobrepuseram à questão divina, pois o bispo também destacava que para além dos vecinos espanhóis que habitavam em Manila, dentro da cidade se encontrava o Parián, local com cerca de 150 lojas chinesas e mais de 600 sangleyes¹⁹ atuando por lá, sem contar tantos outros do outro lado do rio (AGI, Audiência de Filipinas, 74).

E apesar de muitos desses chineses sangleyes serem casados e cristãos, havia mais um sem-número de gente de China que estava intimamente envolvida como toda sorte de atividades, a exemplo da pesca, ferragem, carpintaria, carregadores e tantas outras e que não se encontravam no espaço reservado para eles, mas que eram indispensáveis na introdução de muitas mercadorias provenientes do Império Celestial. E a cada ano vinha de China vinte barcos que transportavam até duzentos mil pesos em mercadorias que iam de frutas, legumes e carnes a cavalos e vacas que abasteciam Manila (AGI, Audiência de Filipinas, 74). Nota-se, então, que em fins do século XVI, a presença espanhola no Oriente só estava assegurada porquê de um lado houve um abandono dos ibéricos da tentativa de conquistar, dominar e evangelizar todos os naturais de todas as ilhas, buscando estabelecer relações que pudessem facilitar o acesso ao Mar de China.

Por outro lado, a permanência dos europeus nas Filipinas só foi possível quando, finalmente, o trato com os chineses se solidificou. Automaticamente, as rendas dessas relações, ainda que as vezes de forma irregular, escoava para a América e irrigava as fortunas de indivíduos que, regularmente, ignoravam o poder central e faziam das relações entre o Novo Mundo e as ilhas do Poente, um negócio seguro e rentável circunscrito às relações transpácificas. Contudo, o que se passou na América, em termos de conquista e colonização, não se repetiu do outro lado do mar do Sul. No Oriente, os espanhóis dependeram muito mais

18 Tradução nossa. No original: "*y al descargo de vuestra Real conciencia y de la mía y al bien de los dichos naturales conviene que se dé orden cómo, los que se an convertido tengan ministros, que los enseñen y sustenten en la cristiandad, pues es cosa notoria que luego que les faltan ministros se vuelven a sus ritos e ydolatrías*".

19 O termo pode derivar da expressão chinesa shanglai, "aqueles que vêm para negociar"; ou, talvez do termo sengli, que significa comércio no dialeto fujianense; ou, da expressão chinesa changlai, "aqueles que vêm frequentemente" (Cf. Ollé (2006, p. 27-49).

dos seus aliados locais porque somente dessa forma poderiam acessar o mundo chinês e as vantagens advindas dessa relação.

Se os relatos perpetuados pelos exploradores revelam fatos e dados que exaltam a ação europeia nas Filipinas, a "ilusão retrospectiva" que ainda cega muitos historiadores tende a cristalizar explicações eurocêntricas que revelam a expansão ibérica pelas quatro partes do mundo como um feito particularmente europeu. Como vimos, as mesmas fontes há tempos utilizadas pelos pesquisadores podem conter indícios de que a ação dos espanhóis no Oriente foi marcada por negociações, provisórias e imprevistos de todo tipo, sendo dependente dos poderes locais que possuíam as chaves de acesso ao comércio com a China, a grande potência mundial da época. Estabelecidos os laços com os indígenas, os europeus passaram a outra interdependência com os chineses.

Em 1569, em carta enviada por Martín de Rada (1533-1578) ao vice-rei da Nova Espanha, o agostiniano afirmava que "se sua majestade quer a China, que é uma terra muito extensa, rica e politicamente rica, com cidades fortes e muradas, muito maiores do que as da Europa, precisa primeiro de se instalar nestas ilhas" (AGI, Audiência de Filipinas, 79). A suposição do religioso pode ser encarada como certa. O desfecho, no entanto, foi bem outro. Durante as primeiras décadas de expansão pelo Oriente, os espanhóis precisaram dialogar com os indígenas locais e caminhar entre confusões e improvisos, sob uma "camada de incertezas" (Gruzinski, 2015, p. 115) que, afinal, só deixavam uma possibilidade: se pretendiam alcançar a China, precisavam primeiro da permissão dos povos locais. Ao fim e ao cabo, foram os chineses que alcançaram e se impuseram aos espanhóis de Manila.

Referências

Documentos Manuscritos

Archivo General de Indias (AGI), Audiência de Filipinas 6, 74, 79.

AGI, Patronato 24.

Bibliografia

AZÚA, A. F. Imperio y Especies. Las Molucas y el comercio de especias en el proyecto de las monarquías ibéricas. In: GARCIA, Susana. (Org.). *Andrés de Urdaneta: un hombre moderno*. Ordizia: Ayuntamiento de Ordizia, 2009.

BARANDICA, L. A. Andrés de Urdaneta en la Nueva España 1538-1568. In: SOTO, María C. B. (Coord.). *Urdaneta novohispano*. La inserción del mundo hispano en Asia. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2012.

BONIALIAN, Mariano. Historia e historiografía del Pacífico: globalización, monarquía y las Indias Occidentales. In: MAZIN, Óscar; LUGO, Gibran (Coord.). *El espejo de las Indias Occidentales*. Ciudad de México: El Colegio de México; UNAM, 2023.

CERVERA, Jose Antonio. *Cartas del Parián*: Los chinos de Manila a finales del siglo XVI a través de los ojos de Juan Cobo y Domingo de Salazar. Ciudad de México: Palabra de Clío, 2015.

CHARTIER, Roger. La conscience de la globalité (commentaire). *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, 56^e année, n. 1, 2001.

CURTO, Diego Ramada. A história global, vista a partir da China, circa 1520. In: GRUZINSKI, Serge. *A águia e o dragão*: portugueses e espanhóis na globalização do século XVI. Lisboa: Edições 70, 2015.

DE MIGUEL, J. R. *Urdaneta y su tempo*. Ordizia, País Vasco: Ayuntamiento de Ordizia, 2008.

DORE, Andréa. Dos estreitos de Malaca ao estreito de Magalhães: a viagem de Magalhães-Elcano na perspectiva asiática. In: KALIL, Luís G. A; FERNANDES, Luiz E. O. (Org.). *1519*: circulação, conquistas e conexões na Primeira Modernidade. Jundiaí, SP: [s. n.], 2021.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FORNESA, Dolors. En mundos extraños: la primera visión castellana de Asia Oriental. In: *Exposición Pacífico*. [S. l.]: [s. n.], 2013.

GIL, J. El entorno vasco de Andrés de Urdaneta (1525-1538). In: *Andrés de Urdaneta: un hombre moderno*. Ordizia, País Vasco: Ayuntamiento de Ordizia, 2009.

GRUZINSKI, Serge. *¿Para qué sirve la historia?* Madrid: Alianza, 2024.

GRUZINSKI, Serge. *A águia e o dragão*: portugueses e espanhóis na globalização do século XVI. Lisboa: Edições 70, 2015.

GRUZINSKI, Serge. *L'Aigle et le Dragon: Démesure européenne et mondialisation au XVIe*. Paris: Fayard, 2012.

IBÁÑEZ, José Javier Ruiz. La hispanofilia ¿Se refleja o se construye en las Indias? In: MAZIN, Óscar; LUGO,

GIBRAN (Coord.). *El espejo de las Indias Occidentales*. Ciudad de México: El Colegio de México; UNAM, 2023.

LOBATO, M. Pájaro sin alas. Acción política de Andrés de Urdaneta y su descripción geo-antropológica de las islas de Maluco. In: *Andrés de Urdaneta: un hombre moderno*. Ordizia, País Vasco: Ayuntamiento de Ordizia, 2009.

MACHUCA, Paulina. *História mínima de Filipinas*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2019.

MALKIEL, María Rosa. *La idea de la fama en la Edad Media Castellana*. Ciudad de México; Madrid; Buenos Aires: FCE, 1952.

MENG, Zhou. De la prefectura de Zhangzhou a las Filipinas: una ruta de aprovisionamiento de la Nao de China en la era de la primera globalización. *Temas Americanistas*, n. 52, p. 98-118, 2024. DOI: <https://dx.doi.org/10.12795/Temas-Americanistas.2024.i52.06>.

MOLINA, A. M. *América en Filipinas*. Madrid: Mapfre, 1992.

MORGA, Antonio. *Sucesos de las Islas Filipinas*. [1609]. Paris: Librería de Garnier Hermanos, 1890.

OLLÉ, Manel. La formación del Parián de Manila: La construcción de un equilibrio inestable. In: SAN GINÉS AGUILAR, Pedro (Ed.). *La investigación sobre Asia-Pacífico en España*. Granada: Ed. Universidad de Granada, 2006.

OLLÉ, Manel. La proyección de Fujian en Manila: los sangleyes del parían y el comercio de la Nao de China. In: BERNABÉU, Salvador; SHAW, Carlos (Ed.). *Un océano de seda y plata: el universo económico del Galeón de Manila*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2013.

REMESAL, Antonio de. *Historia general de las Indias Occidentales y particular de la gobernación de Chiapa y Guatemala*. Guatemala: Tipografía Nacional, 1932.

OROPEZA, Déborah. *La migración asiática en el virreinato de la Nueva España: un proceso de globalización (1565-1700)*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2020.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

RODRÍGUEZ, I. Andrés de Urdaneta, agustino, 500 años del descubridor del Tornaviaje. In: *Andrés de Urdaneta: un hombre moderno*. Ordizia, País Vasco: Ayuntamiento de Ordizia, 2009.